



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XII**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**JENECY JOSÉ NOVAIS**

**O PROCESSO DE RESISTÊNCIA DA ESCOLA DO CAMPO: O CASO DA  
COMUNIDADE DE MORRINHOS NO MUNICÍPIO DE CATURAMA-BA**

**Guanambi/BA**

**2018**

**JENECY JOSÉ NOVAIS**

**O PROCESSO DE RESISTÊNCIA DA ESCOLA DO CAMPO: O CASO DA  
COMUNIDADE DE MORRINHOS NO MUNICÍPIO DE CATURAMA-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento  
de Educação – CAMPUS XII, Programa de Pós-Graduação  
em Educação do Campo, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Especialista em Educação do Campo

Orientadora: Grace Itana Cruz de Oliveira

**Guanambi/BA**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que eu pudesse concluir mais essa etapa da minha vida.

À minha família, em especial minha esposa Joani e minha filha Gabrielly que com carinho e dedicação me apoiaram.

Aos meus professores (as) que muito contribuíram com o meu aprendizado e aos colegas de turma pelos momentos compartilhados.

Aos colegas de trabalho pela força e compreensão e toda a minha comunidade por confiarem na proposta da pesquisa e aceitarem a parceria na realização da mesma.

À orientadora Grace Itana Cruz de Oliveira:que tanto mim ajudou pelo seu empenho e dedicação sem seu apoio não teria conseguido está aqui apresentando o meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o processo de resistência da escola da comunidade de Morrinhos em Caturama- BA, frente ao processo de nucleação vivenciado pelo Município de Caturama- BA, a partir do relato de diferentes atores sociais. A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, do tipo pesquisa - ação, cujas coletas de evidências se deram por meio de entrevistas semiestruturadas e oficinas. Selecionamos sete sujeitos da pesquisa com os quais realizamos as entrevistas e a partir de demandas apontadas propusemos a realização de duas oficinas com a comunidade. Ao reconstruir o processo de luta e resistência da comunidade de Morrinhos pela manutenção e melhoria da escola no campo, problematizamos algumas características das ações e políticas públicas voltadas para a educação do/ no campo no Brasil e construímos coletivamente uma agenda de reivindicações em defesa da melhoria da escola.

**Palavra chave:** Escolas do/no Campo. Resistência. Políticas Públicas.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the resistance process of the community school of Morrinhos in Caturama-BA, in the face of the nucleation process experienced by the Municipality of Caturama-BA, based on the reports of different social actors. The research is based on the qualitative approach, of the type research-action, whose collections of evidence were given through semi-structured interviews and workshops. We selected seven research subjects with whom we conducted the interviews and based on the demands pointed out; we proposed the prelaunch of two workshops with the community. In rebuilding the process of struggle and resistência of the community of Morrinhos for the maintenance and improvement of the school in the field, we problematize some characteristics of the actions and public policies directed to the education of the / in the field in Brazil and we constructively construct an management strategy and social participation in defense of the improvement from school.

**Keyword:** Schools in the Field. Resistance. Public Policy.

## LISTA DE SIGLAS

- ASA:** Articulação no Semiárido Brasileiro
- ASSEMA:** Associação em Áreas de Assentamentos no Estado do Maranhão
- CEB:** Câmara de Educação Básica.
- CNE:** Conselho Nacional de Educação.
- CNBB:** Conferencia Nacional dos Bispos no Brasil
- CONTAG:** Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
- EFA:** Escola Família Agrícola
- EJA:** Educação de Jovens e Adultos
- ENERA:** I Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
- LDB:** Lei de Diretrizes de Bases da Educação
- MAB:** Movimento dos Atingidos por Barragens
- MMC:** Movimento das Mulheres Camponesas
- MPA:** Movimento dos Pequenos Agricultores
- MST:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
- PNE:** Plano Nacional de Educação

## **LISTA DE MAPAS E QUADROS**

|   |  |
|---|--|
| Quadro 1- Caracterização do acesso a Escola na Comunidade de Morrinhos, Caturama BA, no período de 1940 a 2018..... |  |
| MAPA 1- Municípios que integram o Território de Identidade Bacia do Paramirim.....                                  |  |
| MAPA 2- Mapa do Município de Caturama- BA.....  |  |
| Quadro 2- Caracterização do acesso a Escola na Comunidade de Morrinhos, Caturama BA, no período de 1940 a 2018..... |  |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>  | <b>06</b> |
| <b>2. PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A LUTA POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....</b>                         | <b>08</b> |
| <b>3. O PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>   | <b>09</b> |
| <b>3.1. A PESQUISA-AÇÃO: INSTRUMENTOS E COLETA DE EVIDÊNCIAS.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>3.2. PERFIS DOS COLABORADORES.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>3.3. LÓCUS DA PESQUISA: A COMUNIDADE DE MORRINHOS.....</b>  | <b>13</b> |
| <b>3.3.1. A escola.....</b>  | <b>16</b> |
| <b>3.3.2. Recursos Humanos e Pedagógicos da Escola de Morrinhos.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>3.3.3. Os estudantes.....</b>   | <b>16</b> |
| <b>4. NÓS LUTAMOS PARA TER ESSA ESCOLA: UM OLHAR INVESTIGATIVO SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLA DA COMUNIDADE.....</b> | <b>17</b> |
| <b>4.1. A ESCOLA QUE TEMOS.....</b>  | <b>19</b> |
| <b>4.2. QUE ESCOLA OS CAMPONESES QUEREM?.....</b>  | <b>23</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>24</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>28</b> |
| <b>7. APÊNDICE.....</b>  | <b>30</b> |

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão em torno da nucleação ou ordenamento da rede de ensino das escolas do campo no município de Caturama-BA teve início no final da década de 1990 e início dos anos 2000, com a promessa de um novo formato de Educação do Campo. A proposta consistia em agrupar as escolas consideradas isoladas<sup>1</sup>, situadas na zona rural do município. Decorrente disso verificou-se que até junho de 2018 ocorreu fechamento de 57% das classes multisseriadas<sup>2</sup> no município de Caturama-BA.

Os (as) estudantes do campo foram transferidos e alocados numa escola núcleo<sup>3</sup>, em decorrência do reordenamento e busca de melhoria estrutural e pedagógica das escolas. Porém, as distâncias geográficas entre a escola e a família não foram consideradas, bem como as relações sociais e as diversidades de formas de vida e culturas das comunidades.

Caldart(2005, p. 116), afirma que toda vez que uma escola desconhece e ou desrespeita a história de seus educandos, toda vez que se desvincula da realidade dos que deveriam ser seus sujeitos, não os reconhecendo como tais, ela escolhe ajudar a desenraizar e a fixar seus educandos num presente sem laços.

Outro aspecto utilizado pelos gestores do poder executivo local como justificativa para o processo de nucleação foram as críticas em relação ao ensino e aprendizagem das classes multisseriadas das séries iniciais. Havia um consenso de que os estudantes do campo dificilmente conseguiam acompanhar o nível de outros estudantes de classes das séries finais do ensino de 9 anos das escolas da cidade. Consequentemente, muitos estudantes do campo eram considerados "fracos", e os professores se queixavam que os alunos dito "da roça"<sup>4</sup> interferiam nas condições de aprendizagem das turmas da cidade.

A rotulação atribuída aos estudantes do campo evidencia uma ideologia baseada no pensamento capitalista que denominaremos de meritocracia. Ao atribuir ao próprio sujeito do campo a culpa, e único responsável pela sua trajetória escolar, a meritocracia desconsidera uma infinidade de fatores e ausência de políticas públicas que influenciam na trajetória devida

---

<sup>1</sup> Escolas com localização geográfica distante dos centros urbanos ou povoados, com dificuldade de acesso, por falta de estradas. Em alguns casos o transporte mais acessível era o cavalo ou a bicicleta

<sup>2</sup> As classes multisseriadas geralmente incorporam estudantes de séries distintas da educação infantil e Fundamental I, e as aulas acontecem no mesmo espaço e tempo. Geralmente funcionava na casa de alguma pessoa da comunidade, ou da professora, com mobiliário improvisado, bancos de madeira, mesa grande e cadeiras. A depender da casa, não dispunha de quadro de giz.

<sup>3</sup> Escola situada em povoados, distritos e sede do município, com diversas salas de aula, na qual os estudantes foram separados por série e faixa etária.

<sup>4</sup> Que residia, estudou e morava no Campo.



e da escolarização dos sujeitos e emite outros indicadores importantes no estudo do fracasso escolar, como os socioeconômicos e culturais.

Destaca-se que até 1992 os Anos Finais do Ensino Fundamental era de responsabilidade do governo estadual da Bahia, e em Caturama a única escola estadual localiza-se na cidade. Verificamos que as políticas educacionais brasileiras não deram condições para que as escolas do campo se desenvolvessem. Os estudantes permaneciam relegados à própria sorte, com professores leigos<sup>5</sup>, sem infraestrutura mínima como mesas e cadeiras, banheiro, cantina, material didático, água potável, energia elétrica, merenda, dentre outros. Logo, as justificativas do processo de nucleação em Caturama se apoiaram em situações de negação de direitos: falta de investimentos em infraestrutura e formação dos professores, desvalorização da escola do campo enquanto proposta educativa específica, estigmatização social da escola como aquela de menor valor e da escolarização do povo campestre como algo menos importante.

O interesse por estudar essa temática foi se revelando durante o Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, por ser sujeito do campo, que estudou em classes multisseriadas na Comunidade de Morrinhos, militante em questões sociais, defensor de políticas públicas para as minorias, com um histórico de lutas e resistências em defesa de direitos. Carrego comigo histórias e traços de uma formação escolar descontinuada com muitas lacunas.

O entrelaçamento de minha história de vida e formação me levaram a questionar até que ponto o processo de resistência vivenciado pela comunidade de Morrinhos para manutenção da escola no campo contribuiu para a melhoria das condições educacionais da comunidade.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é analisar o processo de resistência à nucleação da escola da comunidade de Morrinhos em Caturama- BA, apontando as fases desse processo bem como as percepções dos sujeitos envolvidos. Para atingirmos esse objetivo, tomamos como vias de estudos os seguintes objetivos específicos: descrever a luta da comunidade de Morrinhos pela permanência da escola no campo; caracterizar a escola do campo a partir dos relatos de estudantes, professores e pais; realizar uma análise do perfil dos educadores do campo que atuaram na escola da comunidade de Morrinhos; promover oficinas na comunidade para construção coletiva de proposições para o fortalecimento da educação do/no campo na escola.

---

<sup>5</sup> Professores admitidos ou contratados sem formação no Magistério ou acadêmica.

## **2. PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: A LUTA POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL**

Com base nos estudos realizados e análises de documentos, percebemos que na história do Brasil, há uma descontinuidade na maioria das políticas educacionais para o campo, sem refletir num efetivo investimento para melhoria da oferta educacional ao povo camponês. É importante destacar que foi a partir da luta pela terra, desencadeada pelos camponeses que se começou a pensar na organização do movimento pela Educação do Campo e pelos direitos sociais.

A luta por uma educação do campo nasceu no seio das lutas por direito à terra, ao trabalho, à água, dentre outros. A Educação do Campo surge como um movimento político ideológico dos diversos coletivos excluídos, e se fortalece no cenário educacional brasileiro no seio dos movimentos sociais camponeses, seus principais protagonistas (CALDART, 2009, p. 35).

No Brasil, historicamente, a escola do campo foi tratada como resíduo do sistema educacional, construídas tardiamente, e sem apoio necessário por parte do Estado para que as mesmas se desenvolvessem de modo satisfatório. Até as primeiras décadas do século XX, a educação era vista como privilégio de poucos, sequer mencionada nos textos constitucionais até 1.891 (BRASIL, 2002). Conseqüentemente, há uma dívida histórica, resultado do descaso das elites dominantes com a educação camponesa.

Foi durante o processo de construção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) que se fortaleceu a luta por uma Educação do e no Campo. Essa luta ampliou-se com a realização do I Encontro dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), realizado em 1997, em Luziânia, Goiás. Nesse Encontro foi possível a adesão de outros movimentos sociais, tais como Associação em Áreas de Assentamentos no Estado do Maranhão (ASSEMA) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Logo em seguida, outros movimentos integram-se ao ideal de uma educação na e pela diversidade, no campo, tais como: Quilombolas, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Indígenas, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento das Mulheres Camponesas (MMC).

Ao analisar o percurso da Educação do Campo no Brasil, destacamos dois aspectos considerados relevantes para nosso estudo: a luta e resistência. Para Caldart, (2009, p. 37), nessas duas décadas de luta por uma Educação do Campo é possível afirmar que:

[...] sua natureza e seu destino estão profundamente ligados ao destino do trabalho no campo e, conseqüentemente, ao destino das lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do campo brasileiro, da sociedade brasileira, do mundo sob a égide do capitalismo em que vivemos. E ainda que ‘muitos não queiram’, esta realidade exige posição (teórica sim, mas, sobretudo prática, política) de todos os que hoje afirmam trabalhar em nome da Educação do Campo.(CALDART, 2009, p.36).

Entendemos a resistência como um movimento coletivo que conduz à tomada de posição para transformação da realidade, uma reação. É importante destacar que a luta por uma Educação do Campo não nasceu nos centros acadêmicos, mas atualmente tem se tornado objeto de estudos e de mobilização entre os pesquisadores. Mas, para Caldart (2009, p. 38), a Educação do campo deve ir além dos mundo das idéia.

[...] é a necessidade e a importância, política, teórica, de compreender este fenômeno chamado de Educação do campo em sua historicidade, o que implica buscar apreender as contradições e tensões que estão na realidade que a produziu e que a move, e que ela ajuda a produzir e mover; que estão no ‘estado da coisa’, afinal, e não apenas nas idéias ou entre idéias sobre o que dela se diz.

Nessa perspectiva, a pesquisa em foco busca compreender o processo de resistência da escola da comunidade de Morrinhos, em sua historicidade, revelando as lutas e resistências empreendidas pelos diversos atores sociais, por uma educação do e no Campo.

### **3. O PERCURSO METODOLÓGICO**

Nosso estudo inspira-se na abordagem qualitativa das pesquisas educacionais, pois sua trajetória envolve situações e subjetividades, e o percurso metodológico é composto por objetivos e técnicas intencionalmente escolhidos. Para este tipo de estudo, o contexto no qual a pesquisa acontece é repleto de significados e sentidos. Por isso, a construção de conhecimentos requer do pesquisador um olhar investigativo, atento e capaz de captar, por diferentes meios, as informações relevantes para o estudo. O pesquisador é parte integrante do universo pesquisado, as informações são tratadas como unidades de sentidos, e as análises se baseiam em evidências.

Para Minayo (2013, p.21), as pesquisas qualitativas consideram o universo em que ocorrem os fenômenos humanos, entende que são repletos de motivos, aspirações, crenças,

valores e atitudes e incorporam a questão do significado e da intencionalidade como condições inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais.

A pesquisa qualitativa costuma ser realizada quando o objetivo do estudo é entender o porquê de determinados fenômeno. Assim, o estudo sobre o processo de resistência da escola de Morrinho envolve uma complexidade de saberes, sentidos, expressões de subjetividade, símbolos e significados.

### **3.1. A PESQUISA-AÇÃO: INSTRUMENTOS DE COLETA DE EVIDÊNCIAS**

Compreendemos que ao fazer uma investigação qualitativo os sujeitos precisam ser ouvidos, pois é por meio das falas que são reveladas suas percepções sobre o contexto no qual estão inseridos. Ao nos aproximarmos do universo a ser pesquisados nos deparamos com algumas dúvida: que tipo de estudo seria capaz de mobilizar os sujeitos a participarem? Qual o sentido da pesquisa para a comunidade? De que forma a pesquisa poderia contribuir com a comunidade?

Em nossos estudos e diálogos formativos visualizamos que os nossos objetivos se aproximavam dos princípios da pesquisa- a ação. Nossa investigação busca desenvolver análise e avaliação do processo de resistência da escola do campo, sob a perspectiva de diferentes sujeitos e ao mesmo tempo contribuir com a formação coletiva dos participantes durante o processo da pesquisa. Uma das característica da pesquisa-ação é a perspectiva colaborativa, uma vez que essa permite a negociação entre os especialistas, práticos e integrantes da pesquisa.

Abdalla (2005, p. 386) destaca que a pesquisa-ação possibilita a constante reflexão da nossa ação enquanto agentes educacionais, ao propor de forma crítica e criativa encontros formativos na coletividade. Nesse sentido, buscamos analisar criticamente aspectos como estrutura da escola, as práticas dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem, e a participação das famílias em diferentes momentos da história da escola. Nosso percurso foi orientado no escutar e por em análises os fatos e vivências, de modo que os sujeitos tomassem consciência sobre os fatos e produzissem juntos um novo olhar sobre a Educação do campo na comunidade de Morrinhos.

Segundo Thiollent (1997, p. 36):

A pesquisa- ação pressupõe uma concepção de ação, que requer, no mínimo, a definição de vários elementos: um agente (ou ator), um objeto sobre o qual

se aplica a ação, um evento ou ato, um objetivo, um campo ou domínio delimitado.

Destacamos como agentes sete colaboradores, a professora atual da escola, duas professoras que atuaram na comunidade, alunos que estudaram na escola local, líderes comunitários, e o pesquisador. A utilização dessa forma de pesquisa permite aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Na pesquisa-ação todos os envolvidos estão comprometidos com a solução de problemas e estratégias de soluções para os mesmos. A investigação foi realizada por intermédio de diferentes fases e instrumentos.

Na primeira fase, realizamos análise documental do Plano Municipal de Educação do Município de Caturama/BA, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação,(LDB). Observamos a adaptação do currículo escolar aplicada na Escola de Morrinhos, a metodologia aplicada no planejamento da escola, buscamos junto aos órgãos competentes informações sobre o investimento e financiamento da escola. Em seguida, realizamos entrevistas semiestruturada com sete colaboradores: Duas professoras que atuaram na escola da Comunidade Morrinhos, dois alunos que estudaram ,uma mãe de aluno, uma líder de comunidade, a professora atual, uma pessoa da comunidade mãe de exaluno.objetivo das entrevistas foi conhecer o perfil dos colaboradores e suas percepções sobre a escola do Campo.

A escolha da entrevista deu-se principalmente pela necessidade de analisar opiniões sobre a luta dos homens e mulheres da comunidade de Morrinhos na construção da escola e da permanência na localidade. As entrevistas foram gravadas por meio de um aplicativo do celular, mediante autorização dos entrevistados, e depois transcritas.

A segunda fase se deu por meio da realização de duas oficinas, envolvendo pais, estudantes, líderes comunitários e professores. Os temas das oficinas emergiram das análises das entrevistas. A primeira oficina trouxe como tema "A escola que temos" e o objetivo geral foi reconstruir coletivamente a história da escola de Morrinho, descrevendo os principais desafios e conquistas vivenciadas ao longo do tempo. A segunda oficina intitulada "A escola que queremos" teve como objetivo problematizar os principais problemas vivenciados pela comunidade em relação à manutenção da escola e elaborar coletivamente uma agenda de proposições e reivindicações para melhorias das condições de oferta e qualidade do ensino.

### **3.2. PERFIL DOS COLABORADORES**

Os critérios de seleção dos colaboradores foram definidos pelo pesquisador, a saber: residir na localidade da realização da pesquisa; ter participado do processo de construção e da resistência e permanência da Escola do Campo na Comunidade; desempenhar papel de liderança junto aos homens e mulheres do campo. Para a entrevista, foram escolhidas sete pessoas, seis mulheres e um homem, que vivem na comunidade e participaram ou participam da luta em defesa da escola de Morrinhos.

A pesquisa envolveu sujeitos que ocupam diferentes papéis na comunidade, porém todas têm a escola como ponto de convergência. Duas professoras entrevistadas atuaram no período de 1980 a 1998, e nos ajudaram a reconstruir a história da escola a partir dos aspectos didático-pedagógica e sociocultural. A atual professora, que também foi aluna da escola, atuou de 2009 a 2018.

Optamos por preservar as identidades dos sujeitos utilizamos nomes fictícios, escolhidos por eles, em referência à vegetação do semiárido baiano. O quadro abaixo apresenta o perfil dos participantes.

**Quadro 1-** Perfil dos colaboradores

| Colaborador        | Segmento                       | Idade   | Cor   | Estado civil | Total de Pessoas da casa | Tempo de moradia na Comunidade | Escolaridade               |
|--------------------|--------------------------------|---------|-------|--------------|--------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| Flor de Laranjeira | Mãe                            | 78 anos | Negra | Viúva        | 4 pessoas                | 78 anos                        | Analfabeta                 |
| Pé de Umbu         | Aluno que estudou na escola    | 62 anos | Negro | Casado       | 2 pessoas                | 62 anos                        | 4ª Série - Fundamental I   |
| Flor do Ypê        | Professora que atuou na escola | 63 anos | Parda | Casada       | 4 Pessoas                | 36 anos                        | 4ª Série - Fundamental I   |
| Flor do Mandacaru  | Líder Comunitária              | 53 anos | Negra | Casada       | 4 Pessoas                | 53 anos                        | Ensino Médio-Magistério    |
| Flor do Cacto      | Aluna que estudou              | 50 anos | Negra | Casada       | 4 pessoas                | 50 anos                        | 6ª Série do Fundamental II |
| Flor do Campo      | Professora                     | 32 anos | Parda | Casada       | 2 pessoas                | 32 anos                        | Superior-Pedagogia         |
| Pé de Aroeira      | Mãe de aluno                   | 43 anos | Negra | Casada       | 7 pessoas                | 43 anos                        | 4ª Série - Fundamental I   |

**Fonte:** elaborado pelo autor, a partir das entrevistas.

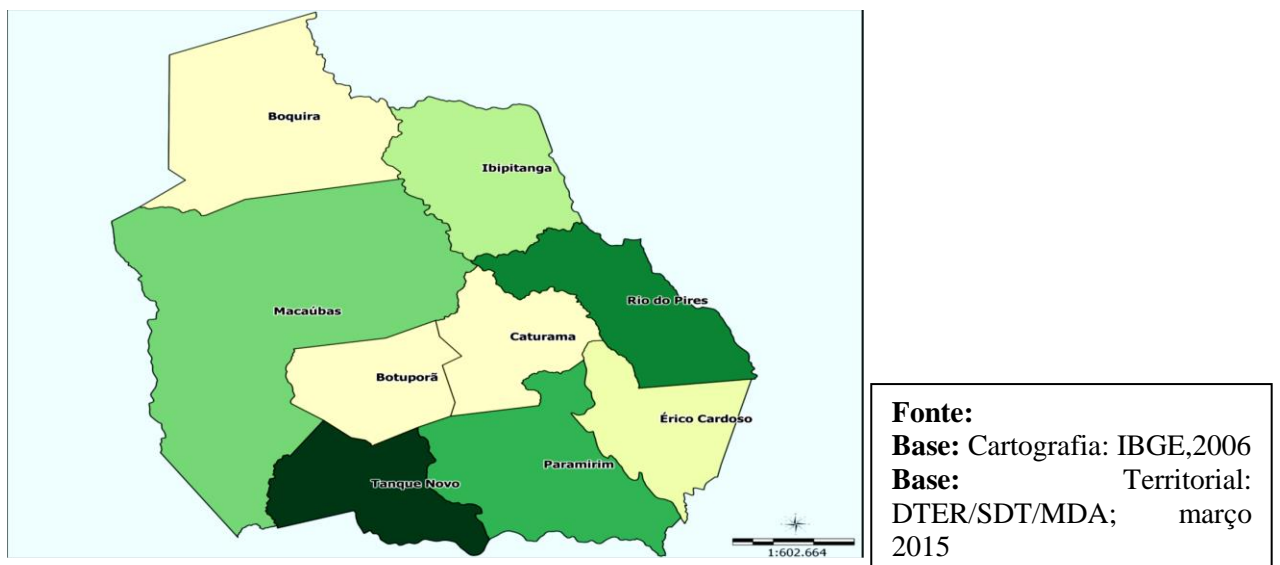
### 3.3. LÓCUS DA PESQUISA: A COMUNIDADE DE MORRINHOS

A comunidade de Morrinhos está inserida no Território Bacia do Paramirim e pertence ao município de Caturama Bahia. O Território de Identidade Bacia do Paramirim está localizado no Centro Sul Baiano, ocupando uma área de 10.155 km<sup>2</sup> (IBGE, 2011), correspondendo a aproximadamente 1,8% do território estadual. São compostos administrativamente pelos municípios de Boquira, Macaúbas, Ibipitanga, Rio do Pires, Botuporã, Caturama, Paramirim e Érico Cardoso.

No Território de Identidade Bacia do Paramirim há mais de uma dezena de comunidades afrodescendentes e quilombolas. A concentração dessas comunidades se deu em conseqüências da mão de obra escrava aplicada, sobretudo nos garimpos de ouro e posteriormente o diamante, e das fazendas de gado, em menor escala, uma vez que a pecuária utilizava pouca mão de obra. São registrados os seguintes agrupamentos: Paramirim das Criolas, (Paramirim), Morro do Fogo, Capão (Érico Cardoso), Lagoa D'água do São Francisco e Preá (Botuporã).

O município de Caturama está situado entre os municípios de Paramirim, Érico Cardoso, Botuporã, Rio do Pires, Macaúbas e Tanque Novo, sendo suas principais vias de acesso as rodovias BA 156 a 152 e BA 571.

**MAPA 1-** Municípios que integram o Território de Identidade Bacia do Paramirim



Fonte: Ministério de Desenvolvimento Agrária-Plano Territorial, p. 1.

A comunidade de Morrinhos está localizada no meio rural do município de Caturama com distância de 12 km da sede do município, limitando ao Sul com as comunidades de Malhada Grande e a estrada que liga a Feira Nova, ao Leste a Comunidade do Umbuzeiro, ao

Norte com a comunidade do Jataí e Barauninha, Oeste Lages e Cabaceira. Os primeiros habitantes são de origem indígena e descendentes de africanos.

**FIGURA 2-** Mapa do Município de Caturama- BA



**Fonte:**Retirada do *Plano Municipal de Educação de Caturama - BA, 2015.*

Uma característica geográfica que influenciou a escolha do nome da comunidade foi morro alto que fica no centro da localidade. Muitas pessoas denominavam a comunidade de Morrinhos de Sabino, um dos primeiros moradores da localidade.

Atualmente a comunidade é formada por 39 famílias, consideradas de renda familiar baixa a média, que sobrevivem da agricultura familiar e agropecuária, com a criação de animais de pequeno porte para consumo e comércio, como gado, galinha e porcos. Outras fontes de renda são os benefícios sociais como a aposentadoria rural, pensões por morte, a bolsa família. Há também postos de emprego vinculados à prefeitura que são o da professora, auxiliar de sala de aula, serviços gerais, merendeiras, e manutenção de poço artesiano. Contudo, a contratação é temporária, como prestadores de serviço.

Devido à escassez de chuvas na região a comunidade passa por dificuldades durante o período da seca. Ultimamente o abastecimento de água ocorre por duas barragens públicas, e cisternas de consumo humano e de produção que as famílias conseguiram junto à Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) <sup>6</sup>.

<sup>6</sup> A construção das cisternas é resultado de uma política pública do Governo Lula, articulado ao Ministério da Integração, cujo objetivo é promover a política de convivência com a Seca. As construções foram gerenciadas pelo Centro de Agroecologia no Semiárido (CASA) com sede em Guanambi-BA, articulada com a comissão municipal, lideradas pela sociedade civil organizada e famílias beneficiadas. A contrapartida familiar era a mão de obra e alimentação dos pedreiros. O material e os pedreiros eram pagos com recursos do programa.



A situação da seca se agravou nos últimos anos, pois o poço artesiano e o rio Paramirim que abastecia a comunidade secaram. A água do rio era encanada e captada na comunidade do Umbuzeiro que fica a 5 km. Além dessas fontes, os tanques e caldeirão de pedrassãos usados para consumo de animais, lavarem roupas e até mesmo fazer as hortas. Contudo, essas fontes precisam da chuva constante, e quando essas são escassas o problema se agrava.

A comunidade vivencia a questão do êxodo rural, e um dos principais motivos é a falta de água e oportunidade de trabalho, conforme relato de uma das colaboradoras.

São muitas as dificuldades que nós passamos aqui, é devido à seca essa longa estiagem. O marido tem que ir para São Paulo, ou hoje para o Mato Grosso e deixam as esposas aqui para cuidar da labuta do gado, da ração para os animais. O jovem completaos 16 anos já partem para o corte de cana, poucos terminam o Ensino Médio na cidade. Muitas famílias mudaram para cidade, ocorrendo com mais frequências devido as estiagem prolongada, falta de oportunidade de emprego principalmente aos jovens. Isso fez com que muitas famílias migrassem para o estado de São Paulo em busca de melhores condições de vida, principalmente nas décadas dos anos despovoando a comunidade aqui tinha muita gente, era animado tinha festas direto (Pé de Aroeira).

Indagados sobre atividades de lazer e cultura, os colaboradores relataram que o futebol é uma das atividades mais praticadas, tanto por homens quanto por mulheres da comunidade. Os eventos religiosos fazem parte da cultura local, contudo, se modificaram com o tempo, principalmente entre os mais jovens. São realizados festejos, rezas, reisados, novenas nas famílias. Contudo, ressaltam que alguns costumes foram perdidos com o tempo: "hoje não é mais como antes, que era uma animação total", "tinham muitos jovens, uma verdadeira animação", "agente tinha tempo de passear nas casas das famílias", "prosear, ouvir histórias das pessoas mais velhas, brincadeiras, bailes nas casas". As mudanças de hábitos e costumes são relatadas como um prejuízo pelos colaboradores quando relatam que "às vezes eu me pergunto o que aconteceu que mudou tão rapidamente? "Que saudades! Ah que falta faz esse tempo". (Relatos obtidos na Oficina I).

A comunidade realiza atividades coletivas como o mutirão e leilões beneficentes. Os mutirões ocorrem na época de plantio, capina e colheita ou na construção das cisternas. Todos se juntam para prestar um serviço, como por exemplo, colher a roça de alguma família que esteja com dificuldades em concluir o serviço no tempo certo. Os leilões são realizados em situações que algumas famílias precisam de recursos financeiros para suprir tratamento médico. Todos contribuem com os itens do leilão, e na data marcada fazem uma reza e o

leilão. Os valores arrecadados são doados para a família. Os colaboradores definem a comunidade como solidária.

### **3.3.1. A escola**

A escola objeto desta investigação está situada na comunidade rural de Morrinhos, no município de Caturama – Bahia, e atende 15 crianças, todas na mesma sala, em séries diversificadas, desde os anos iniciais da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I. É uma classe multisseriadas que funciona no turno matutino.

A estrutura física da escola é composta por prédio térreo com 01 sala de aula, 01 cantina, 02 banheiros, 01 pátio pequeno. A sala de aula é ampla, mobiliada com cadeiras, mesas, armários e estantes para livros diversificados, 01 quadro de giz, 01 lousa.

Não há coordenação pedagógica na própria escola e todo suporte é feito pela equipe pedagógica da secretaria municipal.

### **3.3.2. Recursos Humanos e Pedagógicos da Escola de Morrinhos**

A Escola de Morrinhos possui uma professora graduada em pedagogia, e uma auxiliar de sala com ensino médio, 02 merendeiras e 02 faxineiras. O planejamento pedagógico e formação continuada acontecem a cada 15 dias, de forma coletiva com outros educadores das escolas do campo e com a equipe pedagógica da Secretária Municipal de Educação. O planejamento é elaborado de acordo com o diagnóstico das professoras. O trabalho é realizado com auxílio de livros didáticos e outras fontes curriculares.

### **3.3.3. Os estudantes**

Os alunos atendidos na escola de Morrinhos são filhos de agricultores familiares, com uma faixa etária entre 04 e 14 anos. Quanto às relações interpessoais, entre alunos e professora, demonstram ser harmônica. A professora e a auxiliar demonstram segurança e experiência e uma boa convivência com as crianças, pais e comunidade.

#### 4. NÓS LUTAMOS PARA TER ESSA ESCOLA: UM OLHAR INVESTIGATIVO SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLA DA COMUNIDADE

Durante a primeira fase da pesquisa, por meio das entrevistas (ANEXO I), buscamos informações sobre o perfil dos colaboradores e suas percepções sobre a escola da comunidade de Morrinhos.

No primeiro bloco de perguntas indagamos sobre composição do núcleo familiar, dados socioeconômicos, tempo de moradia na comunidade e escolaridade dos colaboradores. Essas informações nos ajudaram a construir o perfil dos participantes, apresentadas no capítulo anterior.

No segundo bloco apresentamos questões sobre reconstrução da história da escola, a saber: como era a formação e atuação dos professores; quais eram os mecanismos de participação e envolvimento das famílias e da comunidade nas questões relacionadas à escola; e se aconteceu alguma mobilização política em defesa da escola.

A partir das informações coletadas foi possível compreender e caracterizar a escola da comunidade de 1940 a 2018. Optamos em organizar as informações em períodos, a partir de fatos considerados como características marcantes do período.

##### **Quadro 2-** Caracterização do acesso a Escola na Comunidade de Morrinhos, Caturama BA, no período de 1940 a 2018

|                             |  |
|-----------------------------|--|
| <p>Anos<br/>1940 a 1976</p> | <p>Dona Flor de Laranjeira nos relatou sobre as dificuldades que as pessoas da comunidade tinham para estudar nesse período. Os pais pagavam um professor leigo que vinham de outras localidades por um período de 15 a 30 dias para dar aula para os filhos. Não tinha escola e as crianças se reuniam em uma casa de família para ministrar as aulas. A prioridade de estudo era para os filhos homens. As pessoas acreditavam que as filhas mulheres não tinham necessidade de aprender ler e escrever, e que elas deveriam aprender a cuidar dos afazeres da casa. Os pais temiam que se as filhas aprendessem a ler e escrever iria escrever cartas para os rapazes. Algumas famílias produziam rapadura e levavam em animal de carga para trocar em Bom Jesus da Lapa, às vezes levavam semanas para chegar de volta. As mulheres viviam dos artesanatos, fiavam, teciam panos, cochinilhas, cobertores, produziam tecidos para calças e os anil para as tinturas.</p> |
| <p>Anos<br/>1977 a 1981</p> | <p>Pé de Umbu nos revelou que a partir dos anos de 1977 começaram a surgir as escolas públicas que eram mantidas pelo município em parceria com o Estado. Esse colaborador nos informou que as professoras de Morrinhos eram leigas, só tinha a 4ª série e ensinava nas suas residências, pois não tinha prédio escolar. A metodologia do ensino era a cópia. As professoras faziam uma carta e os alunos faziam a cópia da carta. Depois veio ABC, a Cartilha, o bea - ba, o método de ensino era o tradicional na base da decoreba, o soletramento.</p>  |

|                     |  |
|---------------------|--|
| Ano<br>1982         | Nessa época a Escola da comunidade começou a ter sua identidade enquanto oferta contínua em local definido. A professora Flor do Ypê nos disse que começou a ensinar no ano de 1.982, com muita dificuldade por não ter nenhuma experiência com sala de aula. Tinha concluído apenas a 4ª série primária, trabalhava com uma turma multisseriadas, com 35 alunos de idades desde os 05 anos e aos 25 anos. Destaca-se que só efetivavam a matrícula os alunos com 7 anos. Os mais novos apenas frequentavam. Era comum encontrar alunos adultos nas turmas, pois não tinha EJA. A escola não recebia nenhum incentivo e apoio da secretaria do município, não tinha merenda escolar, material didático, as crianças sentavam em volta de uma mesa grande de madeira, colocava uns bancos envoltos da mesa e os menores sentavam no chão e apoiava os cadernos no banco para escrever. O método de ensino tradicional ainda era a decoreba. A professora era de outra comunidade que fica a 7 km de distância, e ficava na comunidade de segunda-feira a sexta-feira. |
| Anos<br>1983 a 1988 | Flor de Mandacaru relatou que nos períodos de 1.983 a 1.988 surgiram mais 05 salas de aulas nas casas das famílias na comunidade de Morrinhos, cujas professoras eram contratadas pela prefeitura, conforme vontade política. Porém, todas as professoras eram leigas só tinha concluído a 4ª série primária. Essas turmas multisseriadas permaneceram funcionando até ano de 1989. O número de alunos variava por turmas de 10 a 30 entre os turnos matutinos e vespertinos. Nesse período funcionaram também duas classes do Mobral à noite. Nesse tempo ocorreram alguns avanços nos métodos de ensino, o governo Federal passou a disponibilizar alguns recursos. Passaram a oferecer materiais escolares, merenda, construir escolas no campo, distribuir livros didáticos para os alunos. Esses avanços ajudaram e facilitavam os trabalhos dos docentes.  |
| Anos<br>1989 a 1998 | Flor do Mandacaru nos revelou que atuou como professora leiga nesse período. Ela contou que lecionou inicialmente na casa dos pais dela e nos anos seguintes passou a ensinar na Igreja da comunidade. Tinha concluído a 8ª série.   |
| Anos<br>1999 a 2000 | Flor do Campo, ex- aluna relatou que somente em 1999 o primeiro professor formado em Magistério foi contratado para dar aulas, e ficou na comunidade durante dois anos. Ele vinha e voltava todos os dias da cidade de Caturama. O trajeto do professor era feito de ônibus até a comunidade de Cabaceira, de lá usava uma bicicleta por cerca de 3 km para chegar à comunidade de Morrinhos.  |
| Anos<br>2001 a 2008 | Pé de Aroeira, mãe de alunos, lembrou que nesse período veio uma professora da cidade de Paramirim-Bapara ensinar. Ela permaneceu por dois anos, mas os pais não aceitaram que ela continuasse a ensinar os seus filhos. A professora já tinha concluído o magistério, e as aulas aconteciam na igreja católica. Em seguida, veio outra professora já com nível superior em Pedagogia de comunidade vizinha. Os pais aceitaram porque essa professora era uma pessoa de comunidade e filha de pais agricultores.   |
| 2009 a 2018         | Flor do Campo compartilhou um pouco da experiência vivida enquanto professora da Escola Municipal de Morrinhos. Para ela, as experiências acumuladas durante essa trajetória iniciada em 2009 até o presente momento, é um desafio diário. O trabalho com turmas multisseriadas numa faixa etária de idade desde o infantil ao 5º ano do fundamental é complexo e desafiador.  |

**Fonte:** elaborado pelo autor, a partir das entrevistas.

O relato dos colaboradores revela olhares diferentes sobre a escola: o local, as pessoas, os materiais utilizados, os métodos de ensino, os professores e suas metodologias, dentre

outras. Mas aos nossos olhos, um aspecto da escola que sobressai em todas as falas é o pertencimento.

A escola é da comunidade, as pessoas lutaram para que o prédio fosse construído, os pais não aceitaram professores que não se envolviam com as questões da comunidade, as pessoas cediam suas casas para que seus filhos e filhas tivessem acesso ao ensino escolar.

Flor do Mandacarunos relatou emocionada as dificuldades que enfrentou para estudar, suas condições financeiras, e a falta de escola na comunidade. Ainda criança, em 1.985 foi estudar em Botuporã - BA, na Escola Família Agrícola (EFA), por um período de três anos. Às vezes tinha que ir a pé por mais de 40 km de distância.

As escolas famílias Agrícolas surgiram do movimento de trabalhadores do campo e entidades filantrópicas, como alternativas para suprir a ausências de escolas públicas no meio rural. Em regime de alternância, os estudantes ficavam um período na escola e outro com a família. As escolas eram financiadas pelas famílias.

Manter a escola na comunidade extrapola à questão de se ter um prédio, cadeiras e livros. Ela é o símbolo de uma conquista do povo de Morrinhos, e representa o sonho de quem nunca teve a oportunidade de aprender a ler e escrever ver seus sucessores, no seio da comunidade dominar este saber tão valioso. Ela representa a conservação da memória, dos costumes, da valorização do lugar, da terra e da vida dos camponeses.

Pé de Aroeira relatou a luta da comunidade para a garantia do direito ao acesso por meio da construção do prédio escolar:

Para conseguir a construção e permanência da escola aqui na comunidade houve muitas lutas. Precisou da união e organização dos pais e da comunidade. Fomos cobrar dos vereadores do prefeito, da secretaria de educação do município. Foi difícil e isso levou anos para gente conseguir. Eles resistiam de um lado e nós do outro. Fizemos tanta abaixo assinada para conseguir a escola aqui no campo para atender nossos filhos, e para a permanência. No meu caso mesmo eu resisti, não abrir mão da escola aqui na comunidade. Até que no ano de 2005 basicamente no dia 05 de julho foi entregue a escola a comunidade ( PÉ DE AROEIRA).

As diretrizes brasileiras para Educação do Campo estabelecem que devem ser garantidos o direito de todos ao acesso a todas as etapas formativas, objetivando a universalização do acesso, permanência e sucesso escolar (BRASIL, 2012). O povo de Morrinhos revelou em seus depoimentos que a garantia do direito à educação de qualidade ainda é um desafio para os camponeses baianos de Caturama-BA.

#### **4.1. A ESCOLA QUE TEMOS**

Ao finalizarmos as entrevistas percebemos que seria necessário desenvolver e ampliar nosso leque de investigação e ação. A partir da mobilização junto aos colaboradores propusemos a realização de duas oficinas. A primeira para conhecer e nos aprofundarmos sobre aspectos da escola, tanto do presente, quanto do passado. O objetivo da oficina foi refletir sobre o papel da escola na comunidade a partir de reflexões sobre conquistas e desafios enfrentados.

Apartir dos relatos dos participantes da oficina e análises realizada, elencamos as condições atuais do acesso e permanência dos estudantes da comunidade de Morrinhoà Educação Básica. A classe é multisseriada, com quinze alunos matriculados, com faixa etária entre 4 e 14 anos. Não há separação entre as séries, e não há oferta específica da Educação Infantil, Educação Especial e EJA para a comunidade.

A classe multiseriada é a única oferta de Ensino Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Já os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio são ofertados na sede do município, que fica a 12 km, e os estudantes são transportados da seguinte forma: 3 km até a comunidade de Cabaceiras em um carro da marca Ford Rural, carro já bem velho contratado pela prefeitura, de onde seguem no ônibus escolar até a cidade. O turno do deslocamento é vespertino.

Algumas pessoas da comunidade são estudantes da EJA e deslocam-se de bicicleta ou motocicleta até a comunidade de Malhada Grande, 5 km, de onde partem de ônibus para a sede do Município. Na turma tem uma estudante que necessita de atendimento educacional especializado. A estudante está matriculada na mesma série há três anos consecutivos, sem conseguir avançar por falta de atendimento adequado à sua necessidade.

A LDB 9.394 de 1.993 e o Parecer CNE/CEB nº 1, de 2012 estabelecem as responsabilidades dos sistemas de ensino, sob a ótica do direito humano subjetivo. Enfatizam os princípios basilares da educação enquanto direito de todos, especificando a necessidade de respeito às diferenças, políticas de igualdade, garantia de qualidade do ensino e a promoção da inclusão. Além desses aspectos, orientam que a trajetória escolar deve se adequar aos contextos de vida do campo.

Percebe-se que a educação ofertada ao povo da comunidade de Morrinhos ainda carrega consigo traços de uma oferta decadente. A Flor do Cacto nos contou sua trajetória de estudante, os desafios, e as dificuldades encontradas. Ela começou a entrevista dizendo que:

Quando eu comecei a estudar ainda era uma criança a minha professora era leiga, eu nem sabia qual a série que ela tinha estudado. Só lembro que

quando a gente chegava à escola encontrava a professora sentada na beira de uma mesa grande de madeira, com a cara fechada. Havia um banco ao redor da mesa e na beira da parede. As crianças pequenas ficavam ajoelhadas no chão apoiando o caderno no banco. Não tinha quadro de giz. Ela entregava uma carta escrita por ela e pedia os alunos para fazer a mesma cópia no caderno. Acredito que a gente só aprendia porque tinha uma boa memória. Não tinha disciplinas. Era o ABC, cartilha ou o livro da primeira série, tudo em volume único, sem divisão. Anos depois que foi aparecendo os recursos didáticos, quadro, giz, os livros já vinham separados: Português, Matemática e Estudos Sociais, Ciências. Lembro também de um professor (...) ele era de outra comunidade, ele era muito bravo. Ele fazia umas letrinhas no quadro, uns desenhos de carrinhos. Ensinava dezena, centena, milhares de milhares. A tabuada e a gente tinham que decorar para não levar palmatória nas mãos, ou ficar de castigo no canto da parede ajoelhado no milho. Ele tomava o livro nas mãos dele e colocava sobre os peitos e a gente tinha que decorar toda a lição e o professor não tinha diálogo com os alunos, bem diferente dos professores de hoje" (Flor do Cacto ).

O relato de Flor do Campo revela as marcas de uma educação precarizada, sem professores capacitados, sem investimento em formação, matérias e métodos de ensino. A idéia de que o povo da roça não carece de estudos prevaleceu por muitos anos no Brasil e na atualidade ainda persistem marcas desse descaso. Leite (1999, p 14) afirma que:

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo, acentuado no processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos”.

O campo incorpora sim os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, espaços pesqueiros, caixaras, ribeirinhos e extrativistas. Entretanto, o campo é mais do que um perímetro não urbano, é um lugar de cultura, de possibilidades, que gera alimento, vida, e que dinamiza a ligação dos seres humanos. Não podemos precarizar ou negligenciar ao povo do campo um dos seus direitos fundamentais que é o acesso à educação de qualidade em diversos níveis e modalidades.

Os camponeses de Morrinhos lutaram para conseguir a escola. Eles acreditam que a escola do campo dá certo, que mesmo diante das dificuldades vale a pena investir na escola do/no campo. Pé de Aroeira evidencia a credibilidade que os pais têm na escola quando afirma que:

[...] hoje eu defendo a escola do campo e entro nessa luta para garantir o direito dos meus filhos estudarem e dos outros da comunidade. A minha filha mais velha já terminou o ensino médio e fico feliz porque mostra que a escola do campo multisseriadas não é ruim, ela era dedicada e teve uma boa aprendizagem, nunca repetiu de série graças à Deus. Sou participativa nas reuniões de pais na escola, participo das reuniões da associação, do

sindicato, da igreja eu quero o melhor para os meus filhos e dos outros também. As vantagens que eu vejo na escola do campo é que estão próximos da casa dos alunos os pais ficam com a cabeça mais tranqüila. Quando você manda seus filhos estudar na cidade eles saem onze e meia ou meio dia que seja e só retornam a partir das seis da tarde. A cabeça da gente fica ruim preocupada. A escola tem que continuar aqui no campo. Ir para cidade só no tempo certo.

Para os camponeses a manutenção da escola no campo é também uma questão política, cultural e social. Manter os filhos por perto é um direito dos pais, eles acreditam que estão seguros, pois todos na comunidade se conhecem, sabem das relações que estabelecem, compartilham culturas e valores comuns. Essa questão também compõe a formação dos sujeitos, fazem parte do currículo oculto, tão forte e marcante na formação.

Para Arroyo, "a escola sem conteúdos culturais é uma ficção, uma proposta vazia, irreal e irresponsável. O conteúdo cultural é a condição lógica do ensino e o currículo é a estrutura dessa cultura". (SACRISTAN, 2013, p.10 *apud* ARROYO, 2015, p. 48).

Podemos considerar que as políticas, programas e projetos educacionais vigentes ainda carecem de espaços de efetiva construção de propostas educativas e articuladas com os contextos de vida, de trabalho e de cidadania dos sujeitos do campo.

Durante a primeira oficina foi perceptível a preocupação da professora e sua auxiliar de sala com relação ao ensino e aprendizagem:

Encontramos sim algumas dificuldades com relação à adaptação e aplicação de algumas atividades interdisciplinares devido à faixa etária de idade dos alunos por ser uma turma multisseriada. Isso exige uma maior atenção por nossa parte, uma vez que, alguns alunos não conseguem acompanhar o ritmo dos demais da turma. Apesar de termos o planejamento quinzenal, é insuficiente para suprir as necessidades dos nossos alunos. Não temos um apoio pedagógico constante da equipe da secretaria municipal de educação. Esse tem sido um desafio para nós aqui na escola de Morrinhos. A turma multisseriada, com os poucos recursos, trabalhamos com segurança a interdisciplinaridade dentro da contextualidade voltada para a realidade do aluno do campo. Garantimos a vocês que não é fácil e muito desafiadora para nós professoras do campo. (FLOR DO CAMPO).

Arroyo (2010) destaca que os processos de produção das injustiças perduram, mas não são estáticos. São redefinidos e ressignificados nos contextos atuais. Para esse autor, as mudanças de qualidade e da natureza das desigualdades precisam ser pensadas no contexto de seus aperfeiçoamentos e complexidades e, nesse processo de reconhecimento, é preciso levar em conta as faces, anseios e projetos formativos dos homens e mulheres do campo nos dias de hoje, em suas formas de relações interpessoais e sociais.

Diante das dificuldades de acesso, permanência e desempenho escolar ao sistema regular de ensino pela comunidade de Morrinhos, já não basta realizarmos estudos que apontem suas causas, em nossa pesquisa- ação contribuí de alguma forma com o contexto.



O objetivo da oficina foi mobilizar os pais, professores e alunos e comunidade a participarem das discussões e fortalecimento da escola de Morrinhos. Percebemos que apesar dos pais não terem uma participação ativa no dia a dia da escola, quando convocados esses participam. De modo geral a comunidade apóia as ações da escola, e todos querem a manutenção e melhoria da escola da comunidade.

Acreditamos que é necessário desenvolvermos estudos que também provoquem intervenções e mudanças desses cenários. Como resultado dessa oficina elencamos as seguintes situações:

- ✓ Insuficiência do apoio pedagógico;
- ✓ A escassez de material para trabalhar na sala de aula de turmas multisseriadas, que atenda a realidade de cada um deles;
- ✓ Dificuldade na organização do tempo didático para a turma;
- ✓ Dificuldade em cumprir o Planejamento de aula. A professora não consegue aplicar nem a metade do conteúdo planejado e necessário, pois os alunos necessitam de uma atenção individual e isso acaba atrapalhando o andamento da aula;
- ✓ Não há espaço para momentos de recreação para os alunos;

#### **4.2. QUE ESCOLA OS CAMPONESES QUEREM?**

A segunda oficina realizada na comunidade teve como objetivo criar agenda de proposições para o fortalecimento da educação do/no campo na escola de Morrinhos. No decorrer desta etapa de pesquisa, foram realizadas ações para ativar a participação das famílias na escola. A oficina foi o ponto de partida para um diagnóstico criterioso da escola do/no campo.

Observamos que a escola promove ações de integração entre escola, família e comunidade. Busca assegurar o cumprimento das diretrizes e normas propostas pelos órgãos competentes que integram a Secretaria Municipal da Educação.

Durante a oficina apresentamos alguns princípios da Educação do Campo e a partir daí o participante elencamos com o auxílio de imagens de revistas a escola que querem na comunidade de Morrinhos.

Um dos participantes destacou que deseja:

"Quero uma Escola que escuta, onde o aluno pensa, com sua capacidade de argumentar, demonstrar os seus conhecimentos, com aulas prazerosas e

desafiadoras integrando família, escola e comunidade e que cada um pode apresentar o seu ponto de vista".(Flor do Mandacaru)

Os participantes manifestaram seus desejos e elencamos as proposições num diálogo coletivo. " Uma escola com atividades educacionais inovadoras, com área de lazer quadra poliesportiva, capacitações para professores e funcionários da escola, biblioteca, laboratórios de informática, meios tecnológicos que incentiva á desenvolver autonomia dos alunos no/do campo, liberdade de expressão, inclusão social e digital. Queremos espaços para o lazer de nossos filhos com quadra poliesportiva, espaços recreativos com jogos de dama, xadrez, dominó", dentre outros. Outros falaram de outros aspectos da escola: "Mais participação das famílias na escola e na vida comunidade para tentar sanar os problemas juntos".

De modo geral, a comunidade de Morrinhos pensa em uma escola para o futuro, que ofereça melhores condições de estudos para seus filhos, com os mesmos padrões das escolas do meio urbano. Uma Escola do/no Campo capaz de atender às necessidades e demanda dos seus alunos. São demandas simples que o poder municipal pode realizar. Entre as ações destaca-se: área de lazer para os alunos praticar educação física; quadra poliesportiva; água encanada e tratada, cisterna na escola; aquisição de computadores, impressora, equipamento de informática, TV, DVD, Livros para a biblioteca, um espaço para atividades de recreação.

A escola que a comunidade de Morrinhos pensa para o futuro é uma escola mais participativas, inclusiva, onde as famílias, escola e comunidade se interagem mais nas causas em defesa do bem comum. Uma escola assistida pela secretaria municipal de saúde com atendimentos básicos de saúde na escola, psicólogo, oftalmologista, odontologista.

Quanto a questão da nucleação ou fechamento ou reordenamento da rede das escolas municipais do campo, no contexto da Educação do Campo, é uma questão de profunda complexidade que necessita de um levantamento cauteloso de suas condições de funcionamento, levando em consideração as opiniões dos pais, alunos, membros da comunidade escola, associação comunitária em fim as lideranças da comunidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa pesquisa analisamos o processo luta pela não nucleação e pela permanência da escola da comunidade de Morrinhos em Caturama- BA, apontando os possíveis impactos desse processo para os pais, alunos, funcionários da escola e a comunidade em geral. Com

intuito nas discussões do tema propostos nesse trabalho, sem encerrar com as possibilidades de outras pesquisas.

A luta por uma educação do campo de qualidade nasce a partir da inquietação e organização dos movimentos sociais, sindicais entre outros principalmente aos movimentos ligados a terra, condições materiais de produção em prol da permanência do homem e da mulher e de suas qualidades de vida no/campo. A escola do campo tem sido alvo de debates por uma educação contextualizada que contempla as necessidades de aprendizagens do homem e da mulher do campo respeitando as suas culturas, crenças e religiões.

Optar por estudar sobre a Educação do/no Campo é instrumentalizar em busca de práticas inovadoras de melhorias na melhoria da vida do homem e da mulher do campo, e ajudar na organização e ensino no e do campo, na Escola da comunidade de Morrinhos numa perspectiva de melhora as condições de vida dos camponeses, que se dedicada às atividades de onde tiram o sustento para as suas famílias por meio da prática da agricultura familiar.

Consideramos que os movimentos sociais vêm desempenhando um papel fundamental na conquista da educação para população que vive e trabalha no campo. Nesta conjuntura o o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra MST, o Movimento Organização de Mulheres Assentadas, os Indígenas e Quilombolas, os movimentos sindicais, a Conferencia Nacional dos Bispos no Brasil CNBB entre outros contribuidores na lutas pela educação do/no campo.

Quanto ao aspecto curricular observamos que os conteúdos inseridos nos livros didáticos do campo dão a possibilidade dos professores redimensionarem suas estratégias metodológicas para que atendam as especificidades do campo. Isso desafia aos professores a saírem de dentro da sala aula com os seus alunos e irem para uma aula de campo. Propor a eles pesquisas, observações e investigações dentro do próprio contexto, dando uma maior atenção às peculiaridades existentes na própria comunidade, ultrapassando os muros da escola, levando propostas de pesquisa com roteiros e cronogramas para aplicações das ações.

Quanto às especificidades dos sujeitos do campo, as estratégias desenvolvidas em sala de aula caminham para fins educativos de uma prática copiada, ou de tentativa de transposição de escolas urbana para as escolas do/no campo. Acreditamos que as práticas pedagógicas devam ser aplicadas de forma desafiadora, transformadora, contextualizada, onde as professoras possam trabalhar conteúdos específicos da realidade do campo, aquilo que seus alunos presenciam todos os dias.

É preciso oportunizar aos professoras das classes multisseriadas o desenvolvimento de um bom trabalho docente com os sujeitos do campo, aplicando os projetos interdisciplinares,

conforme relatos durante o período das oficinas na comunidade de Morrinhos. Nesse aspecto a comunidade elencou algumas ações em prol de melhores condições aos professores, alunos e toda equipe da escola.

- ✓ Capacitações continuada de qualidade;
- ✓ Realização de projetos na escola durante o ano letivo envolvendo toda comunidade;
- ✓ A Construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, contemplando especificidades da escola;
- ✓ A valorização cultural da comunidade de Morrinhos.

Os relatos feito pelos membros participantes da pesquisas apontam que a precarização da escola do campo se dá pela falta de recursos didáticos, humanos e financeiros para as realizações das atividades propostas. A Escola do/no Campo faz a diferencia para muitas famílias camponesas, que se mobilizaram em ações de resistência das famílias para permeância da escola em Morrinhos. Fica evidente em nossa pesquisa que é preciso construir uma escola comprometida com o processo de aprendizagem que condizem com o cotidiano e a realidade do aluno, da professora, da família e da comunidade.

A comunidade pode ajudar na sua relação com a escola. A falta de interesse por parte de alguns dos pais dos alunos, que não visitam a escola com frequência para saber como está o desempenho dos seus filhos. O desinteresse de alguns alunos que dificulta o trabalho da professora, principalmente em se tratando de classe multisseriadas.

Para tanto, as propostas de participação popular no âmbito dos processos de gestão das instituições do campo, esbarram em alguns movimentos nas relações de poder que se expressam influenciadas por condicionantes político-ideológicos que se contrapõem ao modelo proposto.

O estudo realizado possibilitou as descobertas, incertezas e dúvidas, êxitos e grandes conquistas. É preciso avançar muito, conforme vivenciamos através da pesquisa de campo. São inúmeras evidências que nos apontam para a continuação das lutas unindo forças aos movimentos sociais em prol da educação do campo de qualidade que atenda as necessidades educacionais dos homens e mulheres do campo. É necessário ainda melhorar as estruturas das escolas, os materiais didáticos, investir na formação e qualificação dos professores, principalmente de turmas multisseriadas.

A formação enquanto especialista em educação do campo e a pesquisa nos ajudou perceber de forma mais evidente a necessidade de uma educação escolar capaz de um empoderamento dos sujeitos nas lutas por justiça e cidadania, que lutem pelo cumprimento dos

direitos, por intermédio de contínuas práticas pedagógicas qualificadas a partir das salas de aulas da Educação do/no Campo. A pesquisa conseguiu identificar pontos que necessitam de avanços nas políticas públicas de qualidade que venham beneficiar homens e mulheres do campo sem distinção.

Por fim, os debates promovidos em torno da Educação do Campo, para o Campo e no Campo necessita ainda de aprofundamentos, de questionamentos, de políticas públicas, para que possamos avançar e construir uma sociedade justa e igualitária para todos. Diante de todos os problemas que a Educação no Campo vem enfrentando nas últimas décadas percebo que o desafio é muito grande, mas algumas perspectivas são apontadas no sentido de construir um novo caminho para o Campo com um novo modelo de educação campo para todos.

## 6. REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. A Pesquisa-ação como Instrumento de Análise e Avaliação da Prática Docente. Ensaio. Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 383-400, jul./set. 2005

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo: Resolução CNE/CEB, n. 1, de 3 de abril de 2002.

CALDART, R. Pedagogia do Movimento Sem-Terra. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (org.). Por uma educação do campo. São Paulo: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, R. Educação do Campo. In: CALDART, R. et al. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde, 2012

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

THIOLLENT, Michel. Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo: Atlas, 1997.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS XII  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**ENTREVISTA****TEMA: O PROCESSO DE RESISTÊNCIA DAS ESCOLAS DO/NO CAMPO: O CASO DA COMUNIDADE DE MORRINHOS NO MUNICÍPIO DE CATURAMA- BA**

Prezado (a) Sr.(a),

Solicitamos vossa colaboração na realização dessa pesquisa e informamos que a mesma é de caráter acadêmico e a identidade dos participantes serão preservadas. Essa entrevista visa analisar a nucleação da escola do campo, apontando os possíveis impactos desse processo para as famílias da comunidade de Morrinho, Caturama- BA. Não haverá divulgação individualizada das informações contidas neste instrumento, mantendo-se o sigilo dos participantes.

Oportunamente solicitamos vossa autorização para gravar essa entrevista, que será transcrita, para tratamento das informações, conforme orientações acadêmicas.

Agradecemos a colaboração!

**JENECY JOSÉ NOVAIS**

Pesquisador

Grace Itana Cruz de Oliveira  
Orientadora

Ciente e de Acordo.

---

Participante.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS XII  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO



## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### 1- IDENTIFICAÇÃO

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Sexo:
- d) Estado Civil:
- e) Quantidade de filhos:
- f) Quantas pessoas moram no mesmo núcleo familiar:
- g) Quanto tempo reside na comunidade:
- h) Escolaridade:
- i) Categoria : ( ) pais ( ) ex aluno(a) ( ) professor (a) Representante/ lider comunitário ( ) Gestor ( )

### 2- A ESCOLA DO CAMPO E NUCLEAÇÃO

- a) Conte sua relação com a escola da comunidade. (pai de aluno, professor(a), aluno(a), gestor(a)?
- b) Relate como foi construída a escola na comunidade e o que aconteceu para que ela não fechasse.
- c) Relate como era a atuação dos professores na escola, se moravam na comunidade, como era a participação das famílias na escola?
- d) Como era a formação dos professores que atuam nas escolas do campo antes da nucleação?
- e) Que tipo de apoio era dado aos professores que atuavam no campo antes da nucleação?
- f) O que diferencia a escola da comunidade como escola nucleada?
- g) A comunidade fez alguma coisa pela manutenção da escola na comunidade? Relate como o povo se organizou para fazer reivindicações.
- h) Como foi a relação/diálogo dos gestores (prefeitos, vereadores, secretários de educação) com a comunidade na época de transição da escola da comunidade para a escola nucleada?
- i) Quais são as vantagens da nucleação?
- j) Quais são os problemas da nucleação?

### DICAS:

**Entrevistar entre 4 e 8 pessoas (pais, professores, representante da comunidade, ex alunos); Gravar todas as entrevistas e transcrever na íntegra, igual falavam.**

**Três pais, uma ou duas professoras, três ex alunos, representantes/líderes da comunidade, ou gestor (diretor, secretário de educação da época, político)**

